



Sessenta anos após o Golpe Militar de 1964: as abordagens jornalísticas no *Conexão Senado* (Rádio Senado) e no *Rotas da Ditadura* (Rádio UFMG Educativa)¹

Izani Pibernat MUSTAFA²
Erivelto AMARANTE³

Resumo:

O artigo proposto parte de uma pesquisa exploratória e descritiva (Gil, 2002), voltada para uma análise qualitativa das abordagens jornalísticas adotadas em dois programas sobre os 60 anos do Golpe Militar de 1964, de rádios com vinculação estatal e que estão no campo da comunicação pública (Zuculoto, 2012). Os programas são *Conexão Senado*, da Rádio Senado, e *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe*, da Rádio UFMG Educativa. Para isso, foi realizada uma audição atenta e sistemática, partindo de critérios como tipo de programa e sonoridade (Ferraretto, 2014) e tipos de fontes ouvidas (Chagas, 2020), sempre observando os enfoques dados ao Golpe de 1964. Os programas têm formatos diferentes. O *Conexão Senado* contém uma entrevista com uma fonte especializada, que é um professor de História. O *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* é uma série com seis reportagens e cada episódio aborda um aspecto da história relacionado, principalmente, à UFMG, professores e estudantes, com diferentes fontes especializadas.

Palavras-chave: golpe militar; 60 anos do golpe; jornalismo; Rádio Senado; Rádio UFMG Educativa.

Sixty years after the 1964 Military Coup: journalistic approaches in *Conexão Senado* (Rádio Senado) and *Rotas da Ditadura* (Rádio UFMG Educativa)

Abstract:

The proposed article is part of an exploratory and descriptive research (Gil, 2002), aimed at a qualitative analysis of the journalistic approaches adopted in two programs on the 60th anniversary of the 1964 Military Coup, on state-linked radios that are in the field of public communication. (Zuculoto, 2012). The programs are *Conexão Senado*, from Rádio Senado, and *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe*, from Rádio UFMG Educativa. To this end, an attentive and systematic hearing was carried out, based on criteria such as the type of program and the sound (Ferraretto, 2014) and types of sources heard (Chagas, 2020), always observing the approaches given to the 1964 Coup. The programs have formats very different formats. *Conexão Senado* contains an interview with a specialized source, who is a History professor. *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* is a series with six reports and each episode addresses an aspect of the story related mainly to UFMG, teachers and students, with different specialized sources.

Keywords: military coup; 60 years since the coup; journalism; Senate Radio; Rádio UFMG Educativa.

¹ Trabalho inédito elaborado para o Dossiê: 60 anos do Golpe civil-militar no Brasil: mídia, memória e história. Elaborado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001.

² Professora da Universidade Federal do Maranhão, *campus* Imperatriz, no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *E-mail:* izani.mustafa@gmail.com

³ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná, no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. *E-mail:* novo.eri@gmail.com





Sessenta años después del Golpe Militar de 1964: abordajes periodísticos en *Conexão Senado* (Rádio Senado) y *Rotas da Ditadura* (Rádio UFMG Educativa)

Resumen:

El artículo propuesto forma parte de una investigación exploratoria y descriptiva (Gil, 2002), orientada a un análisis cualitativo de los enfoques periodísticos adoptados en dos programas con motivo del 60 aniversario del Golpe Militar de 1964, en radios vinculadas al Estado que se encuentran en el terreno de comunicación público (Zuculoto, 2012). Los programas son *Conexão Senado*, de Rádio Senado, y *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe*, de Rádio UFMG Educativa. Para ello se realizó una audiencia atenta y sistemática, basada en criterios como el tipo de programa y el sonido (Ferraretto, 2014) y tipos de fuentes escuchadas (Chagas, 2020), observando siempre los enfoques dados al Golpe de 1964. Los programas tienen formatos muy diferentes. *Conexão Senado* contiene una entrevista con una fuente especializada, profesora de Historia. *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* es una serie con seis reportajes y cada episodio aborda un aspecto de la historia relacionado principalmente con la UFMG, profesores y estudiantes, con diferentes fuentes especializadas.

Palabras clave: golpe militar; 60 años del golpe; periodismo; Radio del Senado; Radio UFMG Educativa.

Introdução

O Golpe Militar de 1964 permanece como um divisor de águas na história política do Brasil, um episódio que moldou profundamente o curso do país e resultou na instauração de um regime autoritário que perdurou por 21 anos (Fico, 2011; Quadrat, 2000). Esse período foi caracterizado por repressão política, censura à imprensa e violações dos direitos humanos, deixando um legado de dor e trauma em boa parte da sociedade brasileira (Godoy, 2014). Seis décadas após esse acontecimento histórico, o país ainda busca compreender e lidar com suas consequências, tanto em termos políticos quanto sociais e culturais.

No contexto da mídia, o Golpe de 1964 teve um impacto significativo no jornalismo. Durante os *anos de chumbo*, a imprensa enfrentou uma intensa censura e controle por parte do regime militar, com jornalistas sendo perseguidos e veículos de comunicação sendo fechados ou controlados pelo Estado (Napolitano, 2017). Nesse sentido, a maneira como os meios de comunicação abordam esse período torna-se fundamental para compreender não apenas a história recente do Brasil, mas também o papel da mídia na promoção da memória e das percepções coletivas.

Este artigo propõe uma análise das abordagens jornalísticas adotadas por duas emissoras que estão dentro do campo da comunicação pública, mesmo sendo estatais, de acordo com a





Constituição Federal (Brasil, 1988): Rádio Senado, ligada ao Senado Federal, e Rádio UFMG, ligada à Universidade Federal de Minas Gerais. Por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva, qualitativa (Gil, 2002), o estudo examinará programas veiculados por essas emissoras, observando critérios como o tipo de programa, as fontes utilizadas e os enfoques dados ao Golpe de 1964.

Com base em uma metodologia que inclui a análise descritiva a partir da audição atenta e criteriosa dos programas de rádio, este trabalho busca identificar padrões e tendências nas abordagens jornalísticas das emissoras em relação ao tema. Por último, este estudo busca identificar como essas emissoras lidam com questões históricas sensíveis e controversas. Desse modo, podemos ampliar nosso entendimento sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea e sua contribuição para a construção da democracia e da memória coletiva.

Os 60 anos do golpe

O ano de 2024 marca seis décadas desde o início do Golpe Militar de 1964 no Brasil, um evento que deixou marcas profundas na história e no tecido social do país. O golpe, perpetrado pelas Forças Armadas brasileiras, resultou na deposição do governo democraticamente eleito de João Goulart e na instauração de um regime militar que perdurou por mais de duas décadas (Fico, 2001). Esse período, caracterizado por um controle autoritário do Estado, teve impactos significativos na sociedade brasileira, moldando suas estruturas políticas, sociais e culturais de maneira duradoura.

A Ditadura Militar brasileira, que teve início em 1964 e estendeu-se até 1985, foi marcada por uma série de características distintivas que influenciaram profundamente a vida dos cidadãos brasileiros. Entre elas destacam-se a repressão política, a censura à imprensa, a perseguição de opositores políticos e a violação sistemática dos direitos humanos (Joffily, 2013). Sob o pretexto de combater a “ameaça comunista” e garantir a ordem e a segurança nacional, o regime militar impôs um estado de exceção que suprimiu as liberdades individuais e cerceou a participação política da sociedade civil (Magalhães, 1997).

Durante os anos de regime autoritário, a população enfrentou uma atmosfera de medo e repressão, com a perseguição e o exílio de dissidentes políticos, a tortura e o desaparecimento de opositores do regime, e a instauração de um clima de vigilância e delação (Godoy, 2014).





Além disso, as políticas econômicas implementadas pelos governos militares, como o “Milagre Econômico”, resultaram em profundas desigualdades sociais e concentração de renda, exacerbando as disparidades existentes na sociedade brasileira (Macarini, 2000).

Sob censura e controle governamental, os veículos de comunicação foram obrigados a operar dentro de limites estritos, sujeitos à vigilância constante e à autocensura. Jornalistas e editores enfrentaram pressões e ameaças, e muitos foram perseguidos e presos por suas reportagens e opiniões consideradas contrárias aos interesses do regime (Quadrat, 2000). A censura prévia, exercida por meio do Departamento de Censura e Diversões Públicas (DCDP), controlava o conteúdo publicado nos jornais, revistas, rádios e televisões, limitando severamente a liberdade de expressão e a circulação de informações.

À medida que lembramos os 60 anos do Golpe Militar de 1964, é essencial refletir sobre o legado deixado por esse período sombrio da história brasileira. As lições aprendidas com a ditadura militar e sua relação com a imprensa são relevantes não apenas para compreender o passado, mas também para orientar os rumos do presente e do futuro. Em um momento em que os valores democráticos estão sob ameaça em diversas partes do mundo, é imperativo preservar e fortalecer os princípios da liberdade de expressão, da democracia e do Estado de direito, garantindo que os horrores do autoritarismo nunca mais se repitam.

Além disso, é importante reconhecer que as marcas deixadas pela Ditadura Militar ainda estão presentes na sociedade brasileira contemporânea. A cultura política do autoritarismo e da violência estatal, cultivada durante os anos de regime militar, continua a influenciar as instituições e os discursos políticos do país. A persistência da impunidade em relação aos crimes cometidos durante a ditadura, como tortura, assassinato e desaparecimento forçado de opositores políticos, persiste como uma ferida aberta na democracia brasileira.

Cabe reconhecer e valorizar ainda o papel dos movimentos sociais, das organizações de direitos humanos e da sociedade civil na luta pela verdade, pela memória e pela justiça em relação ao período da Ditadura Militar. A resistência e a mobilização popular foram fundamentais para a redemocratização do Brasil e para o avanço na consolidação dos direitos democráticos no país. À medida que nos deparamos com os desafios do presente e do futuro, devemos lembrar sempre que a democracia é uma conquista contínua que requer vigilância, engajamento e compromisso com os valores democráticos fundamentais.





Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de pesquisa, buscando compreender em profundidade as abordagens jornalísticas de dois programas que relembram os 60 anos do Golpe Militar no Brasil nas rádios Senado e UFMG Educativa. A escolha por uma perspectiva qualitativa se justifica pela natureza exploratória e descritiva do objetivo da pesquisa, que visa a analisar os diferentes enfoques dados ao tema pelas emissoras de rádio selecionadas. Ao priorizar a qualidade sobre a quantidade, essa abordagem permite uma análise mais detalhada e contextualizada das práticas jornalísticas adotadas pelas rádios em questão.

Compreende-se que a pesquisa exploratória e descritiva (Gil, 2002, tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema da pesquisa, permitindo um planejamento flexível e incluindo outras técnicas, como a revisão bibliográfica e a pesquisa descritiva. De acordo com Lakatos e Marconi (2018, p. 78), os estudos exploratórios descrevem determinados fenômenos e podem ser encontrados em descrições qualitativas porque reúnem “informações detalhadas” do objeto de pesquisa.

Os programas escolhidos foram produzidos por duas rádios que têm vinculação estatal, mas estão no campo da comunicação pública por produzirem conteúdos voltados para o interesse público (Zuculoto, 2012). A Rádio Senado é gerida pelo Senado Federal (Poder Legislativo) e a Rádio UFMG Educativa é mantida pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Os objetos de estudo são programas representativos, em dois diferentes formatos e horários de veiculação, de modo a capturar uma amostra significativa da produção jornalística. As rádios Senado e UFMG Educativa foram selecionadas devido à sua relevância e representatividade no cenário da comunicação pública. A Rádio Senado tem como objetivo principal informar e promover o debate público sobre temas de interesse nacional, incluindo questões relacionadas ao Legislativo do país. A Rádio UFMG Educativa tem um perfil educativo e cultural, promovendo a produção e a difusão de conhecimento acadêmico e cultural para a comunidade universitária e o público em geral.

Assim, foram selecionados dois programas, transmitidos pelas emissoras e que estão disponíveis em seus *sites* e/ou em plataformas de *streaming*: um episódio do *Conexão Senado* (1º. abr. 2024) da Rádio Senado, e seis episódios do *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* (25



mar. a 2 abr. 2024), da UFMG Educativa. Para isso, realizamos uma audição atenta, sistemática e criteriosa, registrando observações e impressões relevantes para a análise. O *Conexão Senado* tem duração de 11 minutos e 22 segundos. As seis edições do *Rotas da Ditadura* chegam a quase 92 minutos. Apesar dos programas terem tempo de duração diferentes, a análise ficou focada na abordagem do conteúdo, de acordo com a linha editorial de cada emissora.

Por se saber que a análise de conteúdo sonoro é complexa, pois articula múltiplas temporalidades, como conteúdos ao vivo e gravados, e diferentes linguagens (Kischinhevsky, 2021), foram pensados quais critérios da abordagem jornalística seriam observados nesta pesquisa. De acordo com Kischinhevsky (2021), quando o objeto é áudio, é necessário investigar a esfera da produção radiofônica envolvida, como, por exemplo, as rotinas produtivas que abrangem os discursos de jornalistas obtidos nas entrevistas e a forma de transmissão e circulação dos conteúdos.

Por isso, a análise dos programas será realizada por meio da audição dos programas veiculados pelas rádios Senado e UFMG Educativa, observando critérios como tipo de programa – noticiário, reportagem, grande reportagem, entrevista, mesa-redonda (Ferraretto, 2014); sonoridade, como uso de trilhas sonoras, áudios de acervos *on-line* ou de pessoas particulares; e tipos de fontes ouvidas: oficiais, empresariais, institucionais, testemunhais, populares, especialistas ou notáveis (Chagas, 2020); com enfoques ao Golpe de 1964.

Para registrar e organizar os dados coletados, foram utilizados instrumentos específicos de coleta de dados, como fichas de observação de acordo com os critérios elencados, organizadas para permitir o registro de informações relevantes sobre cada programa analisado que contribuíssem para resultados contextualizados.

Conexão Senado, da Rádio Senado

O *Conexão Senado* é um programa diário sobre as atividades do Senado Federal com reportagens, entrevistas e prestação de serviços que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das sete às nove horas da manhã. Além de prestação de serviços, previsão do tempo e situação do mercado financeiro, o programa tem participação dos ouvintes, que podem enviar mensagens pelo SMS, pelos aplicativos de WhatsApp ou Telegram, ou ligando para o número (61) 98611-



9591 (Rádio Senado, *online*). O formato é de um noticiário que inclui quadros e entrevistas que ficam disponíveis no site.

Em 1º de abril de 2024 foi localizada a entrevista realizada pelo jornalista Adriano Faria com o professor e historiador Antonio José Barbosa. A matéria radiofônica, intitulada “Historiador fala sobre os 60 anos do Golpe Militar no Brasil” (Conexão Senado, 1º. abr. 2024), tem duração de 11 minutos e 22 segundos. E a produção contempla o fato de que naquela data em que foi transmitida, alguns órgãos federais e entidades representativas estavam lembrando a instauração do Golpe Militar em 31 de março de 1964 no Brasil.

A entrevista é com uma fonte especializada, porque Antonio José é professor de História Contemporânea aposentado da Universidade de Brasília (UnB), consultor legislativo aposentado do Senado Federal, professor de História do Parlamento e de História Política do Brasil em cursos de pós-graduação, e faz parte da série Senado 200 Anos. Na edição analisada, o tema Golpe Militar é abordado com relação ao Senado. Portanto, com enfoque na relação do Legislativo federal com o golpe. O apresentador faz ao todo apenas três perguntas. Começa informando que um dos períodos mais difíceis do Senado foi durante a Ditadura Militar e diz que, nesse período, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados foram fechados em alguns momentos, como em 1968, durante o Ato Institucional no. 5 (AI-5), e em 1977, para a edição do Pacote de Abril, que, entre outros pontos, criou o senador eleito pelo voto indireto, o senador *biônico*. Somente depois ele pergunta à fonte sobre como foi esse período de pós-golpe para o Senado.

O historiador Antônio Barbosa (1º. abr. 2024) responde durante cerca de cinco minutos e afirma que “Todas as vozes oposicionistas mais renitentes, mais enérgicas foram caladas, seja pela cassação de mandatos ou por suspensão dos direitos políticos por 10 anos”. Mas acrescenta que a ditadura de 1964 “fez questão de manter as aparências, de uma normalidade institucional”, sendo que, sim, o parlamento foi fechado algumas vezes, apesar de que isso nunca deveria ter ocorrido. Mas, apesar disso, ele lembra que, “ao contrário do que as pessoas pensam, o Congresso Nacional funcionou durante a maior parte dos 21 anos do regime ditatorial” e que nos primeiros dez anos o regime teve apoio eleitoral e popular.

Segundo o especialista em História, entre 1970 e 1972 ocorreram eleições no Senado que deram vitória à Aliança Renovadora Nacional (Arena), que dava sustentação ao regime e,





assim, a grande maioria dos membros da casa foi formada por apoiadores do regime. E, de acordo com o professor, essa situação só se “modifica de uma forma extraordinária a partir das eleições em 1974. Primeiro porque os defensores do voto nulo mudaram a sua estratégia e passaram a defender o voto no partido da oposição consentida que era o MDB, o Movimento Democrático Brasileiro” (Barbosa, 1º. abr. 2024). Para ele, ninguém esperava esse resultado com a esmagadora vitória da oposição, que reconfigurou o Senado e a “própria fisionomia do regime político” (Barbosa, 1º. abr. 2024).

Na entrevista, Antônio Barbosa também fala sobre o Pacote de Abril de 1977, já que em 1978 haveria novas eleições e o Senado precisava renovar, elegendo dois parlamentares. Por isso, o regime militar implementou o Pacote de Abril, alterando a legislação eleitoral e a composição do Senado. Conforme o historiador, das duas vagas que seriam disputadas, uma seria ocupada por um eleito pelas assembleias legislativas dos estados, distinção feita à Guanabara, e “todos os estados teriam o controle da Arena, portanto o partido da ditadura, na sua composição. Isso significa que o Senado permaneceria apoiando o regime militar porque um dos novos senadores eleitos em 1978 seria do governo” (Barbosa, 1º. abr. 2024).

Depois da resposta do historiador, o jornalista enfatiza que sim, esse foi um fato marcante da relação do Senado com a ditadura militar, e logo pergunta sobre como foi a postura do Legislativo com o movimento da redemocratização no país, culminando com o fim do regime militar em 1985, e o surgimento dos senadores *biônicos* que também apoiavam o regime militar.

Durante três minutos o professor Antônio Barbosa (1º. abr. 2024), inicialmente, relembra que em 1975, quando os senadores eleitos foram empossados, o Senado recuperou a “sua centralidade no processo político brasileiro”, que “havia perdido isso, na verdade, desde 1946, quando houve a redemocratização. Após a ditadura de Vargas, o Estado Novo, a Câmara dos Deputados passou a ser o grande local dos debates políticos”. E para o historiador isso volta a acontecer a partir das eleições de 1974, quando o Senado recupera o seu papel central na política brasileira. Ele se recorda ainda que em 1978, apesar da presença do senador *biônico* e das dificuldades impostas à oposição, também “foram eleitos senadores bastante combativos, que tinham uma visão política muito acentuada” (Barbosa, 1º. abr. 2024).



Para o entrevistado, a partir desses momentos, o Senado passa a participar dos debates políticos sobre o regime militar e tem um papel fundamental, preparando o “colapso do próprio regime”, porque era formado por parlamentares, tanto na oposição como naqueles que apoiavam a ditadura, que “compreendiam a necessidade de transformar a realidade política brasileira” (Barbosa, 1º. abr. 2024). O professor então cita o senador Paulo Brossard, do MDB do Rio Grande do Sul, Mário Covas, Jarbas Passarinho e Marco Maciel. Conforme o professor, o Senado começa a realizar debates mais profícuos que são acompanhados pela sociedade brasileira.

Antônio Barbosa (1º. abr. 2024) acrescenta que esse novo ambiente contribuiu para o fim do regime militar e transformou os senadores em protagonistas, “como é o caso de Tancredo Neves, que viria a ser eleito nas últimas eleições indiretas para a Presidência da República”. O professor encerra a questão afirmando que “o colapso do regime e o fim da ditadura deveu-se não à luta armada, não ao enfrentamento por meio de armas, mas pela política” (Barbosa, 1º. abr. 2024). Em resumo, para o entrevistado, o Senado teve um papel fundamental.

Antes de encerrar a entrevista, o jornalista sugere uma reflexão sobre qual é a data de início do golpe de 1964: “Agora fica aí a questão, 31 de março, primeiro de abril, a data do golpe de 64?” (Conexão Senado, 1º. abr. 2024). O professor Antônio Barbosa responde em um minuto:

Adriano, ele foi sacramentado, infelizmente, pelo presidente do Senado no dia 2 de abril. É quando Auro de Moura Andrade, que era senador por São Paulo, convocou extraordinariamente o Congresso Nacional e comunicou, de forma que eu considero absurda, aos deputados e senadores que a nação estava acéfala. Que o presidente da República havia abandonado o país, o que é falso, porque João Goulart estava em Porto Alegre e até onde a minha vista alcança, Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul, portanto, o estado brasileiro. Eu acho que naquele momento. Acho que naquele momento o Senado, pela voz é do senador Auro de Moura Andrade, sacramentou o golpe e houve reação do plenário. Uma das vozes que se levantaram aos gritos, é neste momento, foi do Senado. Foi a do Tancredo Neves que chamou de canalha aquele que estava acontecendo (Barbosa, 1º. abr. 2024).

Conforme o historiador, foi um dos momentos cruciais do Senado que sinalizaram para o início da ditadura no Brasil. O jornalista Adriano Faria completa afirmando que muitos “historiadores falam que é um golpe civil militar”, ao que o professor concorda. Em seguida, o apresentador encerra a entrevista concedida pelo historiador.

Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe, da Rádio UFMG

A série de reportagens *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* é uma produção da Rádio UFMG Educativa, com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre os eventos que culminaram no Golpe Militar de 1964 e período de ditadura militar que se seguiu no Brasil. Composta por seis episódios independentes, a série aborda temas relacionados a esse período sombrio da história brasileira.

Cada episódio da série traz comentários e análises de especialistas que dedicaram suas carreiras ao estudo da ditadura militar. Além disso, os capítulos apresentam relatos impactantes de mulheres e homens que vivenciaram na própria pele a violência e a repressão do regime autoritário. A produção e apresentação da série ficaram a cargo de Tiago de Holanda, jornalista e pesquisador. Os trabalhos técnicos são realizados por Clarice Oliveira e Cláudio Zazá. Clarice também é responsável pela edição de áudio.

Com o título “Como aconteceu o Golpe de 64”, o primeiro episódio da série traça os eventos que culminaram no Golpe Militar de 1964 no Brasil. Narrado de forma detalhada, o programa apresenta uma contextualização histórica, destacando os principais atores e acontecimentos que marcaram esse período. A narrativa é conduzida por meio de entrevistas dos especialistas Rodrigo Patto Sá Motta, historiador e professor da Universidade Federal de Minas Gerais, e Carlos Fico, historiador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que descrevem o processo de desestabilização do governo de João Goulart e os bastidores do golpe que o destituiu do poder.

Um aspecto relevante tratado no episódio é a criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, com apoio da imprensa e de grandes empresas. Para Sá Motta (25 mar. 2024), isso serviu “como parte de uma estratégia para desestabilizar o governo de João Goulart”. Ele também cita a operação Brother Sam, com o apoio direto dos EUA, que considera como um “elemento-chave na conspiração que culminou no golpe militar”.

Uma crítica que pode ser feita a esse primeiro episódio, com duração de 17 minutos, é a falta de diversidade entre os especialistas entrevistados, todos homens e com formação exclusivamente em história. Seria enriquecedor incluir vozes femininas e especialistas de outras



áreas do conhecimento para uma análise mais ampla e multidisciplinar. O programa encerra com a emblemática música *Acorda Amor*, de Chico Buarque.

“Vigiar, Punir e Investir” é o título do segundo episódio, que mergulha profundamente nos impactos da ditadura militar brasileira sobre as universidades do país. Com uma abordagem focada na situação das instituições acadêmicas durante o regime autoritário, o programa revela os mecanismos de controle e repressão implementados pelos militares, bem como as consequências dessas medidas para a comunidade acadêmica.

Uma das principais vozes ouvidas é a da professora de história da Universidade Federal Fluminense (UFF), Angélica Müller, que destaca o processo de “operação limpeza” realizado nas universidades, resultando na expulsão de professores considerados subversivos e na inserção de indivíduos alinhados ao regime no corpo docente. Segundo Müller (26 mar. 2024), “esse processo visava a garantir a conformidade ideológica dentro das instituições acadêmicas, restringindo a liberdade de cátedra e a pluralidade de ideias”.

O depoimento do professor aposentado Celson Diniz Pereira, que foi perseguido e preso durante a ditadura militar, oferece um relato contundente e comovente sobre os horrores vivenciados por aqueles que ousaram resistir ao regime. Suas memórias de tortura e violência demonstram a brutalidade do aparato repressivo do Estado e o sofrimento infligido àqueles que lutavam por liberdade e justiça. É significativo observar a presença de vozes femininas nesse episódio, como a cineasta Mariana de Mello Pereira, que compartilha as memórias de seu pai sobre a ditadura.

Rodrigo Patto Sá Motta (26 mar. 2024), historiador e professor da UFMG, é ouvido mais uma vez. Ele lembra do “papel ambíguo de alguns professores que se alinharam ao regime”, bem como os “investimentos realizados pelos militares nas universidades como estratégia de cooptação e controle dos meios intelectuais”. O episódio termina apenas com a trilha sonora da série, reforçando a seriedade e a gravidade do tema abordado, convidando os ouvintes a refletir sobre as profundas cicatrizes deixadas pela ditadura militar.

O terceiro episódio, “Cercos aos Estudantes”, dá continuidade à investigação sobre a interferência da ditadura militar nas universidades brasileiras, focando especificamente na perseguição e repressão aos estudantes considerados subversivos pelo regime autoritário. O capítulo amplia ainda mais o entendimento sobre os impactos da ditadura no ambiente



acadêmico, revelando as estratégias de controle e repressão implementadas pelos militares contra os universitários.

A voz da professora de história da UFF, Angélica Müller, ressoa novamente nesse episódio, lembrando do incêndio da sede da União Nacional dos Estudantes (UNE) no Rio de Janeiro e o início de uma série de invasões e perseguições nas universidades para buscar estudantes e professores considerados subversivos. O relato desses eventos históricos, marcados por violência e arbitrariedade, evidencia a brutalidade do regime militar e seu desprezo pelos direitos humanos e pela liberdade de expressão.

Com duração de 14 minutos, o programa destaca casos emblemáticos de estudantes perseguidos e torturados pelo regime, como o caso de Gildo Macedo Lacerda, cuja morte sob tortura foi testemunhada por sua mulher, Mariluce Moura, jornalista e professora aposentada da Universidade de São Paulo. Seu depoimento angustiante trata dos horrores vivenciados por aqueles que ousaram desafiar o regime autoritário, revelando a crueldade e a barbárie dos métodos utilizados pelos militares para silenciar a oposição.

A análise de Angélica Müller sobre a diversidade de correntes políticas presentes nas universidades durante o período da ditadura é um aspecto relevante nessa edição, destacando que nem todos os movimentos de oposição ao regime eram favoráveis à luta armada. Essa diversidade ideológica e estratégica dentro das universidades contribui para uma compreensão mais complexa e matizada da resistência estudantil à ditadura militar.

“Resistência e Outros Atos” é o nome do quarto episódio, que continua a explorar a complexa relação entre a ditadura militar e as universidades brasileiras, com foco específico no impacto da ditadura na UFMG, revelando detalhes sobre a influência do regime autoritário e as diversas formas de resistência surgidas dentro da instituição. A historiadora e professora da UFMG, Miriam Hermeto, faz uma análise sobre a cooptação de dirigentes universitários pelo regime e os mecanismos utilizados pelos militares para garantir a conformidade ideológica dentro das instituições. Ela afirma que esse contexto “evidenciava a complexidade das relações de poder que caracterizavam o ambiente acadêmico durante a ditadura” (Hermeto, 28 mar. 2024).

O depoimento comovente de Maria Dalce Ricas, que foi presa duas vezes pela polícia da repressão, oferece uma visão vívida e angustiante dos horrores vivenciados por aqueles que

se opunham ao regime militar. O relato detalhado sobre os abusos sofridos na prisão, incluindo choques elétricos e a participação de um médico da UFMG na tortura, esmiuçam a brutalidade e a crueldade do aparato repressivo do Estado. “Eles me deram muitos choques nas pernas e eu estava começando a ter dificuldades para ficar em pé e daí chamaram o Jean-Paul, que recomendou a eles que não me dessem mais choques na perna direita e foi embora” (Ricas, 28 mar. 2024), contou em tom de revolta e indignação.

A narrativa também destaca a censura e a repressão exercidas dentro da UFMG durante o regime militar, com funcionários da segurança da universidade encarregados de recolher cartazes e jornais considerados subversivos. A lembrança da professora Samira Zaidan sobre o período em que era estudante na década de 1970 ressalta a importância desses materiais na denúncia dos desaparecimentos e das violações dos direitos humanos cometidas pelo regime.

Zaidan (28 mar. 2024) lembra que, apesar da repressão e da censura, “o Diretório Central dos Estudantes não foi proibido dentro da UFMG durante o regime militar, diferentemente do que ocorreu em outras instituições”. O episódio, com duração de 18 minutos, destaca-se pela predominância de vozes femininas, que enriquecem a narrativa com suas perspectivas únicas e suas experiências pessoais. Essa diversidade oferece uma visão mais abrangente e inclusiva do impacto da ditadura nas universidades brasileiras.

O quinto programa, “Mapa da Repressão”, mergulha profundamente na geografia da repressão em Belo Horizonte durante o regime militar. A reportagem revela os endereços dos locais de tortura na cidade, destacando o papel central do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) como principal órgão de repressão e tortura na capital mineira.

A historiadora e professora da UFMG, Miriam Hermeto, enfatiza que os órgãos de repressão estavam interligados e integrados em uma rede complexa. O DOPS emerge como o epicentro da violência e da arbitrariedade. Ela descreve que “os inimigos políticos do regime eram interrogados e torturados durante o dia no DOPS, e depois eram transferidos para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército durante a noite” (Hermeto, 1º. abr. 2024).

A inclusão do relato de Afonso Lana Celso Leite, professor da Universidade Federal de Uberlândia, que foi preso e torturado pelo regime, traça um vislumbre perturbador dos rituais de violência e violação praticados pelos agentes da repressão. Seu testemunho detalhado sobre os métodos de tortura incluía choques elétricos até privação de alimentos.



Com uma duração de 20 minutos, o episódio repercute casos de estupro e violência sexual contra as mulheres, destacando a violência de gênero como uma dimensão importante da repressão durante o regime militar. A escolha da música *Aos Nossos Filhos*, na voz de Elis Regina, como encerramento, enfatiza a importância da arte como forma de resistência e denúncia contra a ditadura. A letra evoca a esperança e a determinação daqueles que lutaram pela liberdade e pelos direitos humanos durante um dos períodos mais sombrios da história brasileira.

No sexto e último capítulo, “Autoritarismo no Brasil, Ontem e Hoje”, o foco se volta para uma reflexão sobre as raízes do autoritarismo na sociedade brasileira, suas manifestações ao longo da história e suas repercussões contemporâneas. Miriam Hermeto (02 abr. 2024) começa explicando a diferença entre autoritarismo e governo autoritário, destacando que o Brasil “possui uma cultura política autoritária enraizada no elitismo e na desigualdade social, que remonta aos tempos da colonização portuguesa”.

Rodrigo Patto Sá Motta complementa essa análise ao discutir as formas contemporâneas de autoritarismo no Brasil, destacando o ressurgimento de saudosistas da ditadura militar e forças extremistas de direita que ascenderam ao poder. Sua análise revela as ameaças à democracia brasileira representadas pelo governo de Jair Bolsonaro e seus apoiadores, incluindo a tentativa de golpe de Estado após a derrota nas eleições de 2022.

A série lembra casos recentes da história política do país, enfatizando a negação da ditadura militar por parte do governo Bolsonaro e a necessidade urgente de enfrentar e combater o autoritarismo em todas as suas formas. Miriam Hermeto destaca a importância de incluir, de forma mais explícita nos currículos escolares, o estudo sobre o período da ditadura militar, a fim de evitar a repetição dos erros do passado e fortalecer a democracia brasileira.

Além disso, aborda propostas de combate ao autoritarismo, incluindo a regulação do conteúdo na internet e a punição exemplar dos envolvidos nos ataques contra a democracia ocorridos em 8 de janeiro de 2023, em Brasília (DF). Essas medidas são apresentadas como instrumentos essenciais para fortalecer a democracia e proteger os direitos fundamentais dos cidadãos brasileiros. O episódio encerra apenas com a trilha sonora do programa.

Ao longo dos seis episódios da série *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe*, a Rádio UFMG Educativa explorou as diversas facetas do período sombrio da ditadura militar brasileira



e seus impactos duradouros na sociedade brasileira. Desde o golpe de 1964 até as manifestações contemporâneas de autoritarismo, cada episódio ofereceu uma análise densa sobre diferentes aspectos desse período histórico marcante. Não obstante, a série destacou a importância de lembrar e reconhecer os horrores do passado para garantir que nunca se repitam no futuro.

Considerações finais

Os dois programas radiofônicos analisados e produzidos pela Rádio Senado e Rádio UFMG Educativa são diferentes no tipo. O *Conexão Senado* é um noticiário diário que inclui em cada edição, uma entrevista. A edição ouvida atentamente tem apenas um entrevistado, que é um professor de história e, portanto, uma fonte especializada, um profissional com “reconhecido saber científico ou conhecimento específico sobre determinado campo em torno do qual está se desenvolvendo uma cobertura jornalística” (Chagas, 2020, p. 57).

A abordagem do conteúdo jornalístico relaciona a influência da ditadura militar no Senado e vice-versa. Tanto que as perguntas e as respostas dadas pelo entrevistado estão focadas em alguns fatos que alteraram o comportamento do Legislativo, como o Pacote de Abril que fortaleceu a Arena, partido apoiador do regime militar, e o movimento forte da esquerda a favor da redemocratização.

O *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* é uma série com seis grandes reportagens. Cada episódio é narrado a partir da contextualização do assunto abordado com ênfase no jornalismo, construído em conjunto com análise de fontes especializadas, como professores, fontes populares – pessoas comuns que se apresentam como vítimas de determinada situação (Chagas, 2020, p. 57) – representados nos relatos de mulheres e homens que sofreram a violência e a repressão do regime ditatorial.

Os programas da série de reportagens da Rádio UFMG Educativa exploraram as várias facetas da ditadura militar, e o último destaca as manifestações ocorridas em oito de janeiro de 2023, em Brasília (DF), e a importância de lembrar e reconhecer os horrores do passado para garantir que nunca se repitam no futuro.

A série *Rotas da Ditadura: 60 anos do golpe* gera mais comoção e desassossego porque abrange o universo universitário, onde professores, estudantes e pesquisadores se encontram para estudar, compartilhar conhecimentos e investigar fatos que impactam na realidade, na

história, na vida social, política e econômica da nação brasileira num dos períodos mais negativos do Brasil. Já o *Conexão Senado*, por estar focado no Legislativo, tem maior repercussão entre os parlamentares e em quem acompanha os trabalhos da Casa.

Com relação ao gênero das fontes especializadas, percebe-se que no *Conexão Senado* foi entrevistado um homem, professor de História, e no *Rotas da Ditadura*, com exceção do primeiro episódio, os demais têm vozes de mulheres especializadas analisando a ditadura. Portanto, esse equilíbrio de representatividade de gênero presente na série da Rádio UFMG Educativa contribuiu para uma abordagem mais abrangente e diversificada dos temas tratados, promovendo uma reflexão mais completa e inclusiva sobre esse período da história brasileira.

Referências

BARBOSA, Antonio. **Historiador fala sobre os 60 anos do golpe militar no Brasil.**

[Entrevista cedida a] Adriano Faria. *Conexão Senado*. Brasília: Rádio Senado, 1º. abr. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado/2024/04/01/historiador-fala-sobre-os-60-anos-do-golpe-militar-no-brasil>. Acesso em: 2 abr. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 abr. 2024.

CHAGAS, Luãn José Vaz. **A seleção das fontes no rádio expandido.** Cuiabá-MT: EduUFMT, 2020.

CONEXÃO SENADO. **Historiador fala sobre os 60 anos do golpe militar no Brasil.**

[Entrevista cedida a] Adriano Faria. Brasília: Rádio Senado, 1º. abr. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado/2024/04/01/historiador-fala-sobre-os-60-anos-do-golpe-militar-no-brasil>. Acesso em: 2 abr. 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e Prática.** São Paulo: Summus editorial, 2014.

FICO, Carlos. **Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Marcelo Honorio de. **A casa da vovó; uma biografia do DOI-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da ditadura militar.** São Paulo: Alameda, 2014.

HERMETO, Miriam. Resistência e outros atos. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA: 60 anos do golpe**. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 28 mar. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3f2sBMMBDLwGFHuI2tUFH0?si=154vqrpjS3WZzCPvH6Xjeg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

HERMETO, Miriam. Mapa da repressão. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA: 60 anos do golpe**. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 1º. abr. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/11bTh5Nn6qAr1D2sBMVyud?si=xwANaK4HRmGijCsi8qDGMA>. Acesso em: 11 abr. 2024.

HERMETO, Miriam. Autoritarismo no Brasil. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA: 60 anos do golpe**. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 2 abr. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2GBdWPbCoIgxP6Ls6Ag10I?si=bieajBQ1RWSMSg235nH4Hg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

JOFFILY, Mariana. **No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975)**. São Paulo: EDUSP, 2013.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Apontamentos para a construção de metodologias de pesquisa em radiojornalismo. In: 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2021, Brasília, DF. Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campinas, SP: Galoá, 2021. v. 19.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

MACARINI, José Pedro. **A política econômica da ditadura militar no limiar do “milagre” brasileiro: 1967/69**. Campinas, SP: IE/Unicamp, 2000.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 17, n. 34, p. 203-220, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/jhG4q3jQsNw7ytcH53C4X6j/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MÜLLER, Angélica. Vigiar, punir e investir. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA: 60 anos do golpe**. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 26 mar. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7zWoBbKPhMZx7k6NJvhGfU?si=XjeIGz4eTISmPiQ1NEcKgg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 43, n. 2, p. 346-366, 2017. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/24766>. Acesso em: 8 abr. 2024.

QUADRAT Samantha Viz. **Poder e informação**: o sistema de inteligência e o regime militar no Brasil. 2000. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

RÁDIO UFMG Educativa. **Universidade Federal de Minas Gerais**. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/radio-ufmg-educativa>. Acesso em: 6 abr. 2024.

RICAS, Maria Dalce. Resistência e outros atos. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA**: 60 anos do golpe. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 28 mar. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3f2sBMMBDLwGFHuI2tUFH0?si=154vqrpjS3WZzCPvH6Xjeg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ROTAS DA DITADURA: 60 anos do golpe. Produção e apresentação: Tiago de Holanda. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 25 mar. a 2 abr. 2024. Programa de rádio. 6 áudios (cerca de 90 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4783NdsTm3xVc1TRdZ3AHe?si=b1a4646928c0435b>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Como aconteceu o Golpe de 64. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA**: 60 anos do golpe. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 25 mar. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7JeUTBdfKjbusHqzx2Ep8n?si=WbLrkrJRTu6t3A19mhWDVg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Vigiar, punir e investir. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA**: 60 anos do golpe. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 26 mar. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7zWoBbKPhMZx7k6NJvhGfU?si=XjeIGz4eTISmPiQ1NEcKgg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

Z Aidan, Samira. Resistência e outros atos. [Entrevista cedida a] Tiago de Holanda. **ROTAS DA DITADURA**: 60 anos do golpe. Minas Gerais: Rádio UFMG Educativa, 28 mar. 2024. Programa de rádio. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3f2sBMMBDLwGFHuI2tUFH0?si=154vqrpjS3WZzCPvH6Xjeg>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

Submetido em: 05.05.2024

Aprovado em: 25.07.2024